

O Campus nasceu em novembro de 1975, quando reuniram-se alguns universitários desejosos de fazerem teatro e principalmente de utilizá-lo como meio para transmitir sua visão de mundo.

Começamos a fazer exercícios de conhecimento do espaço, corpo e voz, seguindo o método da Prof. Maria da Glória Beutenmuller. Os exercícios não ficaram, porém, restritos a sala onde ensaiávamos na PUC. Tomando consciência de nossas potencialidades pudemos reconhecer um novo espaço no mundo de fora, reaprendendo e ressentindo toda a emoção que estava reprimida em cada um de nós.

Depois de alguns meses formamos verdadeiramente um grupo de pessoas com vontade de mostrar o que sentia e pensava. Partimos para a procura do texto, o que não foi fácil. A falta de bibliografia, o alto preço cobrado pelo avaloír e a censura que vetava alguns textos que nos interessavam foram as maiores dificuldades encontradas. Após 4 meses de leitura achamos a peça de Bertolt Brecht, A EXCEÇÃO E A REGRA, que reunia as qualidades que procurávamos.

Através do estudo do texto vimos que podíamos transmitir uma parte do que queríamos dizer, ou seja, ficou claro que era impossível dizer tudo, a todos ao mesmo tempo. Optamos por ser um grupo não empresarial e essa opção significava que teríamos que assumir o trabalho de produção, figurinos, cenários, programação visual, divulgação, iluminação etc. Trabalhando em sistema de cooperativa, dividimos todas as despesas e toda a responsabilidade da criação do espetáculo.

Sob a direção de Paulo Luis de Freitas, com músicas compostas especialmente por Ivanir Calado e com Bebeto Tornaghi, Berê Gomes, Caique Ferreira, Doris Kelson, Henrique Cukierman, Marcio Guimarães, Rose Esquenazi e Silvia Knoller, o grupo estreiará em outubro no Parque Laje e fará em novembro, uma temporada na Casa do Estudante. Paralelamente será feito um circuito universitário porque queremos atingir principalmente o público estudantil.

Agora nós, do Grupo Campus, nos sentimos prontos para mostrar o resultado de todo esse tempo de trabalho, embora, não o consideremos acabado ou definitivo. É um processo que está crescendo a cada dia, em cada um de nós. Um processo que desejamos despertar no público - um caminho para o debate e a reflexão de problemas, que não termina enquanto houver "dois tipos de homem sobre a terra".